

IDÉIAS

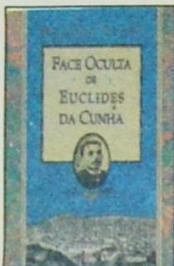
Muito além de 'Os sertões'

Cavalcante

EVARISTO DE MORAES FILHO

A FACE OCULTA DE EUCLIDES DA CUNHA, de Miguel Reale. Editora Topbooks, 192 pgs. Cr\$ 850,00

Ao longo dos anos, ao lado de suas atividades como jurista, professor, pensador, vem-se dedicando Miguel Reale à história das nossas idéias, bastando lembrar "Figuras da inteligência brasileira", além dos estudos em profundidade do culturalismo de Tobias Barreto e da filosofia nas obras de Rui Barbosa e de Machado de Assis. Desta vez, com igual cuidado e profundidade, voltou-se para o pensamento filosófico de Euclides da Cunha. Leu, meticolosamente, toda a obra euclidiana como quem o fizesse pela primeira vez, sem maiores preocupações de erudição.



Dentro do que se propôs, segundo Reale, passou Euclides da Cunha por três fases distintas do seu pensamento filosófico. Não o considera, contudo, como um filósofo *stricto sensu*, e nem poderia fazê-lo. A sua primeira fase deveu-se à influência das idéias de Augusto Comte, haurida na sua formação militar e de político, naturalista, cientificista, fase essa que, de certa forma, permaneceu em seu espírito. A segunda fase, a partir mais ou menos de 1892, prende-se às leituras de Spencer, Gumplowicz, Proudhon e Marx, chegando a 1902, com a publicação de "Os sertões". A terceira e última fase, que culmina no ano de 1909, de seu concurso e de sua morte, na qual predominam as orientações de Ernst Mach e Henri Poincaré, do valor pragmático da ciência e de um certo convencionalismo gnoseológico.

Dois foram os marcos centrais na vida intelectual de Euclides: "Os sertões" (1902) e o concurso de lógica no Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) em 1909. Em ambos demora-se Reale, como propósito maior de seu ensaio. Tal era o aparato científico, com citações de antropólogos e sociólogos em moda na cultura da época, que o livro de Euclides logo impressionou como obra de ciência. A sua linguagem, pre-



nhe de vocábulos técnicos, mais ainda levava a essa conclusão. Embora alguns críticos já tenham dito a mesma coisa, em poucas linhas dá-nos Reale um resumo das posições assumidas: "Ora qualificado como obra de ficção, ora como algo de indefinidamente situado entre o romance e a epopéia, ou ainda como ensaio de crítica político-social, a originalidade de 'Os sertões' consiste em nele se fundirem os valores ficcionistas de um poema épico em prosa com os da percuciente análise de um ensaio antropológico e histórico".

Em 1931, referia-se Afrânio Peixoto à "magia de um estilo terso, arrevezado, empolgante, épico", que descrevia largo trecho do sertão brasileiro. E prossegue: "Nabuco disse que fora escrito com um cipó: é o seu elogio. Este cipó, com que Euclides escreveu 'Os sertões', arrastou os sertões até nós". Em ensaio de 1952, Afrânio Coutinho classifica "Os sertões" como "uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa".

O mérito maior, no entanto, de Reale consiste em distinguir dois estilos diversos em Euclides: "Um desornado e preciso, quando tratava de problemas enquanto homem de ciência; e outro rebuscado e preciosamente trabalhado, quando escrevia como homem de letras, muito embora cuidando de temas científicos".

Analisa Reale os textos de ambas as provas escritas — de Euclides e de Farias Brito — e demonstra que a do primeiro fora superior à do seu concorrente. O tema versava sobre "A verdade e o erro". Sempre antimetafísico, nada mais estranho para Euclides do que o tema da prova oral de lógica: "A idéia do ser". A escolha do tema "denunciava a orientação filosófica da Congregação, cujas convicções espiritualistas iriam determinar a classificação do autor de "Os Sertões" em segundo lugar, atribuído o primeiro a Farias Brito".

Mas, qual a face oculta de Euclides? Responde-o Reale: "Foi, não há dúvida, através da arte, da face, para ele oculta, de ho-

mem de letras, que Euclides da Cunha ajudou, mais do que qualquer outro, o acordar-nos de nosso sono povoado de ilusões, abstrações e temerosos espectros". Segundo Reale, ainda "permanece oculto aos olhos dos seus críticos e significado de seu constante interesse por alguns dos problemas fundamentais da filosofia". E termina o volume, justificando o título: "Alicerçado sobre sólidos conhecimentos da nova lógica, a partir das contribuições inovadoras de Boole, era lícito esperar-se que a face oculta do pensador viesse à luz, abrindo novos e decisivos caminhos à história das idéias no Brasil. Face oculta para todo e sempre".

Felizmente, para nós, não apresenta Reale nenhuma face oculta, e este seu livro constitui, sem dúvida, uma valiosa contribuição, como tantos outros de sua autoria, para a história das idéias no Brasil.